

LILIAN MAUS

Salvador/BA, 1983. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. Artista, pesquisadora e professora, Lilian Maus é Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes da UFGRS, onde se formou no Bacharelado em Artes Plásticas: Desenho e na Licenciatura em Artes Visuais. Publicou diversos livros como autora e organizadora, dentre eles: "Estudos sobre a terra" (2017) "A palavra está com elas: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais" (2014) e "Atelier Subterrânea" (2009). Foi gestora do espaço artístico independente Atelier Subterrânea (2006-2015, Porto Alegre). Vem participando de programas de residências artísticas e expondo seus trabalhos no Brasil e no exterior (EUA, Colômbia, Argentina, Uruguai). Recebeu prêmios em nível regional e nacional, através da Prefeitura de Porto Alegre, Universidade Federal de Pernambuco, do Ministério da Cultura e da Funarte. Possui obras nos acervos do MAC/RS, da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo - UFRGS, da Universidade Federal UNIPAMPA, do Museu do Trabalho/RS, da Pinacoteca Aldo Locatelli/RS, do Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI/RS) e do Instituto Figueiredo Ferraz.

CURRÍCULO

Exposições individuais

- 2017 Soçobro, texto de Mário Fontanive, Paço dos Açorianos, Porto Alegre/RS.
- 2016 Expedição pela Paragem das Conchas, curadoria da Bruna Fetter, UFCSPA, Porto Alegre/RS.
- 2016 O jardim sensível, Galeria Pop-up Aura, Porto Alegre/RS.
- 2015 Área de cultivo, Projeto Aura, Galeria Temporária Jubiá, Porto Alegre/RS.
- 2015 No útero da linguagem, Projeto adidas Originals Superstar, parceria com a estilista Helen Rödel, curadoria de Lucas Ribeiro (Pexão), Complex Skatepark, Porto Alegre/RS.
- 2014 *Landscape* ou anotações sobre o que escapa, Centro Cultural Benfica/ IAC UFPE, Recife/ PE,
- 2012 Onde o desenho germina, Espaço Cultural ESPM, Porto Alegre/RS.
- 2011 Área de cultivo, Galeria "A Sala" IAD, Pelotas/RS.
- 2010 Tramas diárias, Museu do Trabalho, Porto Alegre/RS.
- 2007 Nas entrelinhas do diário, Studio Clio, Porto Alegre/RS.

Exposições coletivas selecionadas

- 2018 Insulares, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre/RS.
- 2018 Fissuras da Paisagem: enredo de quatro mulheres, SESC/Centro, Porto Alegre/RS.
- 2017 Salta d'água, Pinacoteca Barão de Santo

Ângelo, Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre/RS.

- 2017 Arte e Resistência, Espaço de Artes da
- UFCSPA, Porto Alegre/RS.
- 2017 Scénario, curadoria Mario Gioia, Galeria Aura, São Paulo/SP.
- 2017 Alinhando desorientando: desenhos no MACRS 25 anos, MACRS, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS.
- 2016 MONTAÑISMOS, Galeria Metropolitana, Santiago/Chile.
- 2014 Da matéria sensível, curadoria Bruna Fetter, MACRS, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS.

- 2014 Visão de emergência, curadoria Marcelo Campos, na Galeria Colecionador, Rio de Janeiro/RJ.
- 2014 Polarizações região sul, Atelier Subterrânea e Prisma, Porto Alegre/RS.
- 2014 Como refazer o mundo, curadoria de Divino Sobral, Galeria Luiz Landeiro, Salvador/BA.
- 2014 Fiftyfifty (50/50) ... la chimba!, curadoria de Santiago Rueda, STUDIO 488 e PASTO, Buenos Aires/AR.
- 2014 Artistas do Atelier Subterrânea, org. Hugo Rodrigues, centro Ordovás, Caxias do Sul/RS.
- 2014 Viveiros, org. Marilice Corona e Flávio Gonçalves, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre/RS.
- 2013 As tramas do tempo na arte contemporânea: Estética ou Poética?, curadoria de Daniela Bousso, Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto/SP.
- 2013 Antes y Después aniversário de La Usurpadora, curadoria Maria Izabel Rueda, Espaço Independente La Usurpadora, Puerto Colombia/Colômbia.
- 2013 Exibição de vídeo na mostra "Colomborama", curadoria Marius Wang e Olga Robayo, The Stenersen Museum, Oslo/Noruega.
- 2013 A Imagem da Palavra, org. IEAVI, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS.
- 2013 "ENTRE", curadoria Ana Zavadill, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS.
- 2012 Las chicas solo quieren divertirse, curadoria María Isabel Rueda, La Usurpadora, em Barranquilla/Colômbia.
- 2012 Exposição Novas Aquisições Pinacoteca Aldo Locatelli, no Paço dos Açorianos, Porto Alegre/RS.
- 2012 Instâncias do Desenho Atelier Subterrânea, Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ e Galeria Logo, São Paulo/SP.
- 2012 A imagem da Palavra, org. IEAVI, Espaço SUBT, Montevidéu/UR.
- 2012 Abre Alas A Gentil Carioca, Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ
- 2011 Água Viva, curadoria de Marcelo Campos, Galeria Amarelonegro, Rio de Janeiro/RJ.
- 2009 Oi Expressões, curadoria de Marcello Dantas, Parque Redenção, Porto Alegre/RS.
- 2009 Small Show, High Falls Art Gallery, Rochester/NY/USA.
- 2009 Nós na Fita, Galeria Fita Tape Complexo Master, Porto Alegre/RS.

CURRÍCULO

Exposições coletivas selecionadas

- 2012 Instâncias do Desenho Atelier Subterrânea, Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ e Galeria Logo, São Paulo/SP.
- 2012 A imagem da Palavra, org. IEAVI, Espaço SUBT, Montevidéu/UR.
- 2012 Abre Alas A Gentil Carioca, Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ
- 2011 Água Viva, curadoria de Marcelo Campos, Galeria Amarelonegro, Rio de Janeiro/RJ.
- 2009 Oi Expressões, curadoria de Marcello Dantas, Parque Redenção, Porto Alegre/RS.
- 2009 Small Show, High Falls Art Gallery, Rochester/NY/USA.
- 2009 Nós na Fita, Galeria FitaTape Complexo Master, Porto Alegre/RS.

Salões e residências:

- 2017 Residência na Worm Gallery, Valparaíso/Chile.
- 2015/2016 Residência no Caribe Colombiano: El Parche Artist Residency, Palomino/Colômbia.
- 2015 21º Salão Anapolino de Arte, curadoria Paulo Henrique Silva, MAPA, Anápolis/GO.
- 2012 Residência móvel "Free-way", realizada em parceria com Rodrigo John, deslocamentos no Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte (Prêmio Rede Nacional Funarte Artes Visuais), parceria com espaços independentes Alpendre, Fortaleza/CE, e Casa da Ribeira, Natal/RN.
- 2012 Residência na Colômbia (Seleção Intercâmbios e Difusão Cultural MinC), parceria com os espaços artísticos independentes El Parche Artist Residency (Bogotá), Taller 7 (Medellín) e La Usurpadora (Puerto Colombia).
- 2011 Salão de Abril, Fortaleza/CE.
- 2011 Residência internacional para Artistas/gestores latino-americanos, realizada pelo Capacete Entretenimentos (Prêmio Rede Nacional Funarte Artes Visuais), nas cidades de São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ e Belo Horizonte/MG.

Publicações:

- 2015 Co-organização "Subterrânea: Notas Entrópicas" (org. Isabel Waquil), Ed. Pubblicato, Porto Alegre/RS.
- 2014 Organização e introdução de "A Palavra está com elas/The ladies have the floor", entrevistas de Isabel Waquil, Ed. Panorama Crítico, Porto Alegre/RS.
- 2013 Organização e coautoria de introdução de "VETOR: Subterrânea como plataforma de residências artísticas", entrevistas de Isabel Waquil, Ed. Panorama Crítico, Porto Alegre/RS.
- 2012 Organização e introdução de "Onde o desenho germina", Ed. Panorama Crítico, Porto Alegre/RS.
- 2010 Organização e introdução de "Atelier Subterrânea", Ed. Panorama Crítico, Porto Alegre/RS.
- 2010 Concedeu entrevistas e publicou textos em: "Espaços Independentes", Ed. Atelier 397, São Paulo/SP; "Coletivos", Felipe Scovino, Renato Rezende, Ed. Circuitos, Rio de Janeiro/RJ.

Obras em Acervo:

Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto/SP

Coleção Mônica e George Kornis, Rio de Janeiro/RJ

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – UFRGS, Porto Alegre/RS.

Museu do Trabalho – artista selecionada para participar do Consórcio de Gravura, 2010, Porto Alegre/RS.

Pinacoteca Aldo Locatelli – Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS.

MACRS, Porto Alegre/RS.

Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI), Porto Alegre/RS.

CURRÍCULO

Prêmios

- 2018 Prêmio Açorianos de Artes Visuais, Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, Destaque em Exposição Coletiva: Salta d'água: dimensões críticas da paisagem, curadoria Diego Hasse e Eduardo Veras.
- 2016 Indicação na categoria "Melhor exposição individual", pela mostra "Expedição pela paragem das conchas", X Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, Porto Alegre/RS.
- 2015 Indicada na categoria "Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados", pelo livro "A palavra está com elas: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais", IX Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, Porto Alegre/RS.
- 2013 Prêmio Mulheres nas Artes Visuais, Funarte Artes Visuais, MinC.
- 2012 Prêmio Rede Nacional Funarte Artes Visuais (9ª edição), pelo Atelier Subterrânea, Funarte Artes Visuais/MinC/Petrobrás.
- 2012 Finalista no prêmio Economia Criativa/MinC, Ministério da Cultura.
- 2011 Prêmio Açorianos Destaque "Espaço Institucional", pelo trabalho realizado pelo Atelier Subterrânea em 2010, Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre Setor de Artes Plásticas, Porto Alegre/RS.
- 2011 Prêmio Rede Nacional Funarte Artes Visuais 8^a edição, Funarte Artes Visuais e Ministério da Cultura.
- 2010 Prêmio Conexão Artes Visuais 2010 Funarte/MinC/Petrobrás, pelo Atelier Subterrânea, Funarte Artes Visuais/MinC/Petrobrás.
- 2009 Prêmio Açorianos na Categoria Destaque em Projeto Alternativo de Artes Plásticas (2008) para o Atelier Subterrânea, Secretaria da Cultura Prefeitura de Porto Alegre/RS.
- 2005 Láurea Acadêmica, UFRGS, Porto Alegre/RS.

Fissuras da paisagem enredos de quatro mulheres

Daniela Kern

Um diálogo visual entre quatro mulheres fortes. Uma conversa que envolve cores, formas, linhas e métodos de se criar mundos quando se está internado, desde muito cedo, em um mundo outro, o Hospital Psiquiátrico São Pedro. O que encontramos em tal diálogo proposto pela exposição FISSURAS DA PAISAGEM: enredos de quatro mulheres é sempre o inesperado, o que escapa ao controle, como as marcas de mofo nos bordados de Natália Leite; as manchas de guache das pinturas de Dorvalina Souza; e a prosa libertadora e perspicaz das agendas de Claudina Pereira. Lilian Maus mergulhou nesse mundo outro ao se deixar impregnar pelas obras dessas três artistas, tanto pelas cores que escolhe para suas pinturas, quanto pelos temas. O resultado é uma paisagem interior de escuta, que reage a paisagens interiores de limite desconhecido, de liberdade batalhada, conquistada e sempre em expansão. Afinal, não é à toa que Claudina se coloca no lugar de um pássaro: "Sou ave sem ninho com todos os seus sinônimos".

Apressa-te devagar

Bruna Fetter

Desde um ateliê rodeado de janelas em três de suas quatro faces, Lilian Maus habita a paisagem, permitindo que ela adentre seu espaço de trabalho. Esse posto de observação localizado na cidade de Osório, litoral norte do Rio Grande do Sul, é invadido pelo Morro da Borússia, resquício de Mata Atlântica, de onde se enxergam algumas das 23 lagoas da região e os gigantes moinhos contemporâneos que tentam represar a fúria dos ventos locais em outros fluxos de energia.

Em Expedições pela Paragem das Conchas Lilian Maus cria um atlas afetivo de uma paisagem que foi sendo experienciada e compreendida através de camadas de memória da infância, somadas à novas experiências e redescobertas desse lugar. Uma relação permitida no tempo alargado de uma pesquisa de Doutorado, mas também na entrega a esse território único e particular. Território, como postula Deleuze, como lugar de realização da arte, demarcado por seus habitantes nas suas posturas, sons e cores, que se transformam em linhas, desenhadas por seus movimentos.

Nessa percurso, aranhas, borboletas, pescadores, Rimbaud, documentos históricos, pudicas mimosas, paisagens de Debret, audiências públicas, biólogos, águas e ventos compõem uma cosmologia particular, na qual dados de catalogação científica de plantas se mesclam – sem distinção – com nomenclaturas de tipos de mar e poesia. "O que aparece como título de cada figura não é a sua definição, é o seu argumento: Argumentum: 'exposição, narrativa, sumário, pequeno drama, história inventada". No trabalho de Lilian, a palavra também povoa, exalando odores e cores, deixando rastros no papel que descortinam algumas de suas referências estéticas e conceituais.

Viagem ao interior

Mário Furtado Fontanive

Quando a Lilian iniciou o doutorado, ela resolveu que iria para Osório, seria mais correto dizer que ela resolveu voltar para Osório, cidade onde passou parte da infância. Quis se afastar dos ruídos da cidade, de todos os ruídos, desde os físicos até os simbólicos. Buscava um silêncio, silêncio ou solidão são retiros onde talvez possamos ter uma medida melhor de nossas buscas. No silêncio ouvimos sons que normalmente estão escondidos sob camadas de outros sons, fazemos silêncio para escutar murmúrios, perceber discretos índices normalmente inescrutáveis. O silêncio é talvez um espelho onde podemos mergulhar mais atentos. Como disse o poeta, todo estado da alma é uma paisagem, tudo contém muito se os olhos bem olharem. Os silêncios, os vazios têm potências e o artista pode tornar político o que está escondido, abafado pelo barulho cotidiano.

Em Osório a Lilian teve o encontro com este silêncio próprio da paisagem interior, mas, além disto, encontrou o silêncio de outras paisagens, daquela da infância, da geografia, da natureza e da história. No início desse retorno, ela trabalhou no atelier, mas logo teve o interesse despertado pelo lugar. O artista precisa manter uma certa distância do objeto de sua atenção, não é interessante que sufoque o que está diante dele com concepções preestabelecidas. Deve deixar o objeto falar e, assim, o ambiente foi apresentando várias vozes para ela, ou é possível afirmar: várias vozes desveladas por ela. A arte produzida se mostrou sob muitas faces.

Uma paisagem pode ser traduzida como a história do desenvolvimento das atenções e das ações de cada um em determinado lugar. É fruto de um aprendizado, e esse aprendizado está vinculado às relações com o lugar e com o tempo. Podemos dizer também que a formação da atenção e da consequente construção das paisagens por nós percebidas está vinculada à memória das nossas ações nos lugares. A Lilian estabeleceu um encontro das ações dela com outros atores, com outras vidas. As paisagens são leituras particulares dessas alteridades derivadas desses encontros.

Um dos encontros da Lilian foi com as histórias do lugar: ruínas, lendas, jornais, filmes, mapas, entre outras coisas que chamaram a atenção da artista e se tornaram objeto de trabalho. As lagoas do litoral norte gaúcho são interligadas por canais, onde é possível navegar de norte a sul de barco. Uma das histórias dessas navegações trata do naufrágio do barco Bento Gonçalves, em 1947. A artista cercou este evento com o levantamento de documentos históricos, a criação de registros próprios e a reconstituição do trajeto original do barco naufragado que ela realizou juntamente com o pescador José Ricardo, no barco Beija-flor. Em um encontro de passado e presente, com fotos e relatos da época e também o seu próprio registro fotográfico, a artista cria uma narrativa densa sobre o imaginário do lugar. O que significa compreender? Para Hannah Arendt, a compreensão é um processo complexo que, diferentemente do processo científico, nunca gera resultados inequívocos. A compreensão é necessariamente autocompreensão, a verdadeira compreensão sempre retorna aos pressupostos e juízos, modificando aquele que observa. O trabalho da Lilian é mostrar este processo, o processo de tornar uma geografia um lugar, de habitar um lugar. Ela colhe coisas e recolhe suas próprias metamorfoses nos seus trabalhos. Dissolve o conhecido no desconhecido, a imaginação pode dizer respeito à densidade do real apreendida pela constante mudança e variação das narrativas. Esta é a paisagem dos trabalhos da Lilian.

Lilian Maus: vontade de nomeação

Marcelo Campos

A quem cabe nomear e classificar a paisagem? Toda paisagem se faz na relação de seus componentes e o grande desafio é perceber, separar, ordenar algo que nos impele na sua totalidade. A paisagem, segundo Cauquelin, é um imperativo: "olhe isto, é uma paisagem!" e, nesta qualidade, temos que "ver o que está diante de meus olhos". Lilian Maus (RS), na exposição "Landscape ou anotações sobre o que escapa" se empenha em nomear a paisagem. Assim, vai indiciando morfologicamente fenômenos naturais como nuvens, marés, estrelas, arco-íris. Tal dedicação gera desenhos, vídeos, fotografias, onde o que nos é familiar, corriqueiro, como o hábito de desenhar em cadernos infantis, se torna um advento. A observação de aviões da esquadrilha da fumaça, no ar, merecerá, com isso, destaque. Mas qual será a imagem a qual poder-se-á atribuir um nome? A arte, há muito, se utiliza de subterfúgios para associar sensações, movimentos, tensões a nomes, como se tratássemos de características da sua fisicalidade. Dizemos que uma pintura tem ritmo, uma fotografia vibrações, uma cor é cítrica. Mas esses termos não são da natureza daquelas matérias. Lilian Maus, nos trabalhos atuais, lança-se à possibilidade de predicar a arte. Sim, a arte precisa de predicados, como nos esclarecera Marcel Duchamp, Arthur Danto, entre outros. E a artista lança-se à tarefa dos nefelibatas, aqueles que vêem coisas em nuvens.

No intervalo entre nomeação e imagem, Lilian Maus cria séries predicativas: as estrelas são do mar, cadentes, pertencem ao caderno escolar, são vistas na superfície das lagoas. Mas do que estamos diante? A produção de Maus atenta-se, sobretudo, ao desenho, à possibilidade de observar no estriado da imagem, um mar revolto, ou de perceber que a liquefação de uma cor pode configurar uma imagem impactante, como um arco-íris. E assim, a arte de Lilian Maus vai se configurando entre imagens e nomeações, matérias e alterações. Nos trabalhos apresentados, segundo a artista, tudo começa com a "observação do vento em fricção com as nuvens". Lilian vê coisas em nuvens. E depois traça a mesma observação junto ao mar. Mas, em tudo, o vento é protagonista. O vento, aquilo que pode promover a transubstanciação, fazer as coisas se transformarem. E o estado da matéria, ao qual a artista se dedica, está exibido como imagem. Com isso, uma outra pergunta sobrevém. Do que é feita a imagem? Antes de tudo, como nos esclarecem Hans Belting e Jean Luc-Nancy, de rastros, vestígios. E agora entendemos o porquê das marcas que Lilian Maus insiste em nos ofertar. Tais rastros, marcas exibem-se antes da possibilidade de tornarem-se signo. E a artista é consciente de que a imagem exerce poder antes de qualquer sentido. Por isso, o nome das coisas funciona como uma espécie de acordo, a palavra escrita, a exigência de credibilidade.

O lugar ao qual a arte de Lilian Maus se dedica permanecerá em suspensão, insular, desertificado, qual as imagens do cosmos que são calculadas, numeradas, nomeadas, mas que "ostentam sempre uma falsa evidência fotográfica", como afirma Belting. O fato é que "imagem e signo ou palavra continuam ainda a ser os pilares em tudo o que queremos compreender do mundo".

O desenho como área de cultivo

Flávio Gonçalves

I

Para os antigos uma imagem servia a instruir, lembrar e emocionar. Ela tinha ainda o poder de transitus, permitindo que pudéssemos contemplar a partir dela as coisas invisíveis, o mundo sensível transfigurado em presença. Vivemos ainda os mistérios da imagem, já que a nossa voracidade em relação a ela é maior que o nosso entendimento. Aquela que surge da inscrição gráfica, o desenho, é a que nos aventuramos desde a infância; e que faz renascer em nós essa antiga tríade que nos temporaliza.

Os desenhos de Lilian Maus começam pela água através dos caminhos que o líquido cria em contato com o papel. Se existe um plano outro é o de esperar que ela evapore e que a mancha indique por onde prosseguir; e se possa adicionar mais camadas, cores, fazendo do fundo berço, nascedouro do trabalho. A memória da água é diferente da memória do gesto, e isso faz com que em seu trabalho a artista cultive os dois por fortuna e por leveza.

Um desenho talvez não precise esperar para secar, imediato que é. Mas é preciso esperar que ele brote, cresça e lentamente se revele. Um tempo para que a ideia se aceite como nova, para que a aceitemos como nossa. As metáforas de semeadura, crescimento e disseminação fazem com que pensemos a inscrição gráfica ainda mais como um espaço para o cultivo das ideias, para a revelação de memórias.

II

O sulco, a vala, o buraco de onde uma imagem nasce nos reposiciona em relação a nossa origem. Do mesmo modo que os encontros nos fazem pensar de onde partimos. O futuro é o modo temporal da projeção, onde conduzimos e somos conduzidos. Assim, o universo de referências construído pelo artista é alimentado por esses encontros e esses caminhos, da coleta daquilo que pode estar em perspectiva com seu modo de olhar o mundo, atualizando sua sensibilidade. A percepção desse material promove ainda outros deslocamentos, fazendo com que essas referências coletadas despertem relações pouco evidentes quando vistas de forma parcial ou isolada.

Lilian gosta de pensar que seus trabalhos formam um jardim (e me vejo olhando para os pátios, pois o jardim dos outros é sempre mais misterioso que o nosso). Talvez por isso o desenho seja seu instrumento de trato, um meio onde a leveza ganha gravidade. É assim que vejo suas letras e frases em plástico, grudadas em linhas e ramas, esperando um leitor que lhes dê sentido, que ande em torno e que as trate como hera, símbolo do contínuo que são.

Dos encontros da artista, Lilian reuniu séries como Área de cultivo, onde são fotografadas manchas, fungos e outras culturas que nos lembram o modo como seus desenhos, aos poucos, fecundam e germinam a folha de papel. O que a artista põe em relação são esses processos ao acaso que formam a periferia da nossa atenção, e que ela transforma em ação e determinação. Um trabalho simples que a arte procura nos fazer perceber: por vezes algo do tempo se condensa em nós, vira matéria, pesa e desaparece.

Pintura aos peixes - Lilian Maus

Projeto Brasil Contemporâneo | ArtRio 2018

Lilian Maus busca traçar, através de suas obras, uma profunda investigação sobre a fenomenologia da paisagem. Desde 2012, quando transferiu seu ateliê para Osório, a artista produz seu trabalho a partir da interação com esse lugar. Suas pinturas são uma espécie de travessia entre as experiências do estúdio e as incursões que realiza na paisagem natural, a partir de caminhadas, navegações e vôos livres. Na exposição *Pintura aos peixes*, exibida no *stand* da Aura, ARTRIO 2018, a artista apresenta trabalhos da série *Área de Cultivo* e *Sermão aos peixes*, a partir de uma instalação cujo fio condutor é a água, tendo em vista que seu ateliê está cercado por 23 lagoas do litoral norte do RS. O conjunto de obras integra o projeto *OLHO D'ÁGUA: por uma poética de travessia*, que terá nova mostra inaugurada 25 de outubro, na Galeria Aura (Wizard, 397, São Paulo).

A partir da lição deixada por Jasper Johns na obra *Diver*, Lilian também concebe a pintura como um mar onde o pintor/mergulhador deve imergir nas profundezas misteriosas, reservando sempre fôlego para retornar à superfície. Segundo Bachelard (1989), o ser voltado à água é "um ser em vertigem. Morre a cada minuto." É a partir dessa água que corre, cai e morre na horizontal que as imagens da artista brotam como aguapés, por fortuna ou leveza, do suporte encharcado junto ao chão. Tentando apre(e)nder essa paisagem, a Lilian dissolve o conhecido no desconhecido e vice-versa, fazendo as imagens flutuarem no plano do quadro e inundarem o espaço do espectador.

O avanço às profundezas aquáticas é também um retorno às nossas origens. O mar, que há bilhões de anos deu origem à vida, até meados do séc. XV, apresentava-se como barreira intercontinental intransponível para a humanidade, marcando um limite entre vida e morte, natureza e cultura. No entanto, a promessa de alcançar as terras incógnitas fez do próprio mar o tema central da geopolítica europeia do século XV ao XVIII. Foi mediante à promessa de chegada no Paraíso Terreal que os colonizadores vieram às Américas. Mas a fantasia do Jardim do Éden seria contrária às experiências vividas na viagem, como bem nos lembrará o Padre António Vieira, em seu célebre *Sermão de Santo António aos peixes* (1654), uma das referências que alicerçam a exposição.











N79, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e óleo

sobre tela

Dimensões: 160x113 cm

Moldura: Chassi



N77, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 160x120 cm

Moldura: Chassi



n80, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 110x77 cm

Moldura: Chassi



N75 A, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e colagem

sobre tela

Dimensões: 52x42 cm

Moldura: Madeira claro



N75 B, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e colagem

sobre tela

Dimensões: 32x32 cm

Moldura: Madeira claro



N75 C, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e colagem

sobre tela

Dimensões: 32x32 cm

Moldura: Madeira claro



N81, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 30x30 cm

Moldura: Chassi



N82, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 20x15 cm

Moldura: Chassi



N83, 2018

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 20x15 cm

Moldura: Chassi



N84, 2018

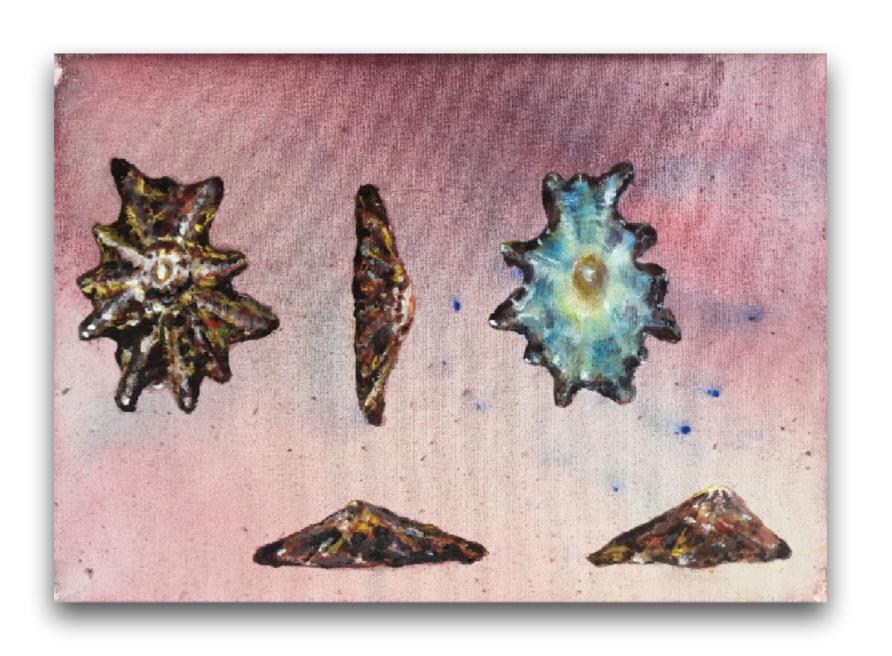
Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura acrílica e

colagem sobre tela

Dimensões: 20x15 cm

Moldura: Chassi



Scutellastra longicosta, 2018

Série: Inventário de conchas

Técnica: Pintura acrílica sobre

tela

Dimensões: 37x27 cm

Moldura: Madeira clara



Cymbula granatina, 2018

Série: Inventário de conchas

Técnica: Pintura acrílica sobre

tela

Dimensões: 37x27 cm

Moldura: Madeira clara



Cymbula compressa, 2018

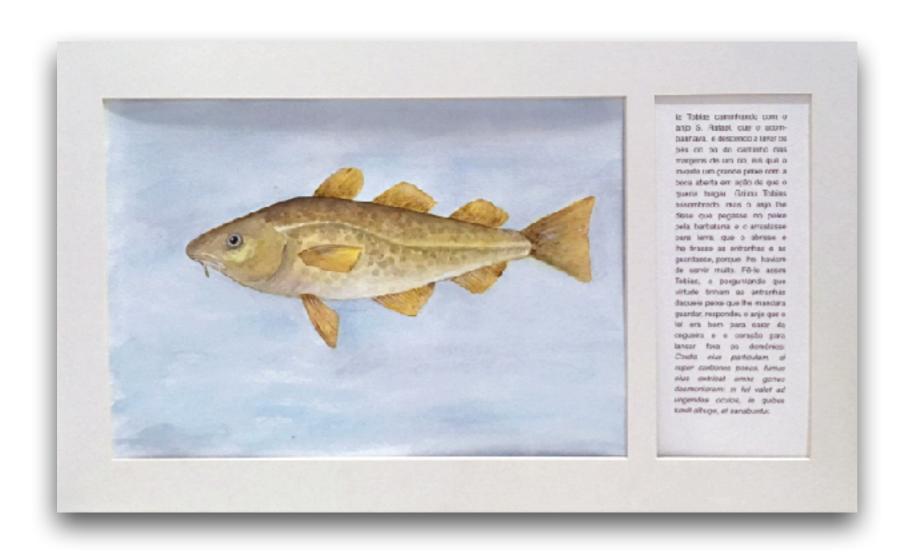
Série: Inventário de conchas

Técnica: Pintura acrílica sobre

tela

Dimensões: 37x27 cm

Moldura: Madeira clara



Peixe de Tobias, 2018

Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



Quatro-olhos, 2018

Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



Polvo, 2018

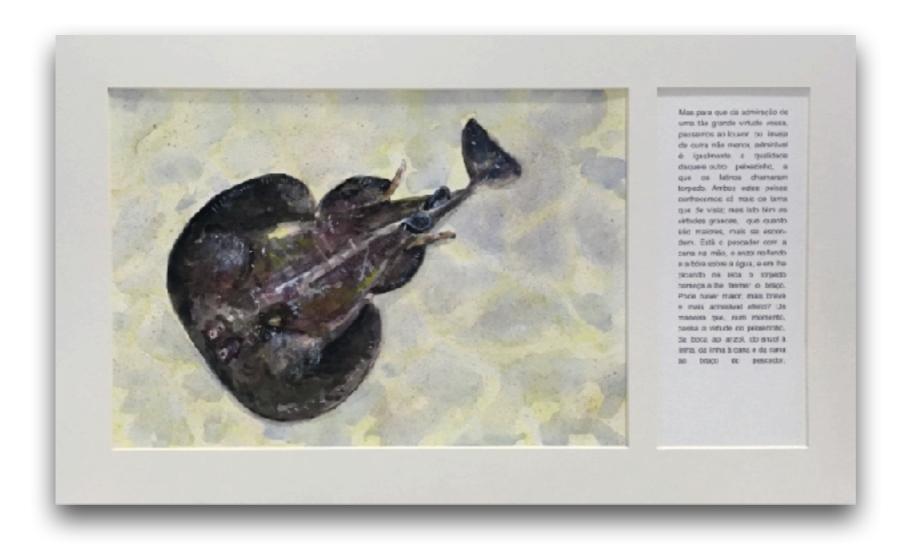
Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



Torpedo, 2018

Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



Roncador, 2018

Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



base-he, reasoner, has conles Deus para pelsea? Poisporquo vos meteis a ser area?

O mer fé lo Deus para võe, e o
ar para elas. Contental-vos tem
e mar e com nades, e não
queliale voas, pois sois pelves.
Se acaco vos não confleceis,
olhai para as voeses espinhas e
para as voeses senamas, a
conflacereis que não sois
aves senão pelnes, el ainda
aves cenão pelnes, el ainda
aves centre persente. Pois proque
tresce maistres barbatares,
par los pelnes de traver das
barbatanas ause?? Mate árinda
moi, porquo handa vesso castigo
Lausantes das methar que co
numos pelnes, el por isso sois
mais moitas que tadas. Aos
pulhos pelnes, do alte mate-chio
avidos pelnes, do vos ser lisque
avidos pelnes, do alte mate-chio
avidos pelnes, do alte mate-chio
avidos pelnes, do vos ser lisque
avidos pelnes, do vos ser lisque
avidos pelnes, do vos ser lisque
avidos do vos ser lisque

Lilian Maus

Peixe voador, 2018

Série: Sermão aos peixes

Técnica: Aquarela e impressão de

texto sobre papel

Dimensões: 34x24 cm

Moldura: Madeira branca e



N73, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura em acrílico e

pastel seco sobre papel recortado

(Canson Montval Aquarela 300g)

Dimensões: 60x42 cm

Moldura: Madeira branca

Assinatura: Na frente



N72, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Pintura em acrílico e

pastel seco sobre papel recortado

(Canson Montval Aquarela 300g)

Dimensões: 60x42 cm

Moldura: Madeira branca

Assinatura: Na frente



Montagem do díptico das duas obras anteriores



N68, 2017

Série: Área de Cultivo

Técnica: Acrílico, guache, pastel seco

e colagem sobre papel

Dimensões: 60x42 cm

Moldura: Madeira pintada em

branco com vidro

Assinatura: Na frente



Ipê-rosa e outras coletas de

inverno, 2017

Série: Imagens Impuras

Técnica: Aquarela e folha seca

sobre papel

Dimensões: 21x15 cm

Moldura: Madeira pintada em

branco com vidro

